

Uma tradução do projeto [Traduções Abolicionistas](#)

Texto original:

BENJAMIN, Ruha. The Shiny, High-Tech Wolf in Sheep's Clothing. 23 out. 2020. Disponível em: <<https://level.medium.com/the-shiny-high-tech-wolf-in-sheeps-clothing-17d8db219b6d>>.

Tradução autorizada por Ruha Benjamin.

Traduzido por Pedro Carvalho.

Data de publicação: 28 maio 2021.

O lobo reluzente e *high-tech* em pele de cordeiro

Ruha Benjamin

Longe de afrouxar o fecho do encarceramento, ferramentas modernas como policiamento preditivo e aplicativos de rastreamento acabam por aprofundar a influência carcerária do Estado no cotidiano.

De aplicativos utilizados no cotidiano à algoritmos complexos, a tecnologia tem o potencial para esconder, acelerar e aprofundar a discriminação, tudo isso enquanto aparenta ser neutra ou até mesmo benevolente quando comparada a práticas declaradamente racistas do passado. Programas de policiamento preditivo, ferramentas de medição de risco criminal e a tornozeleira eletrônica são algumas das ferramentas que perpetuam injustiças no sistema de justiça criminal dos Estados Unidos, ou como eu chamo: O Novo Jim Code. A boa notícia é que, com o surgimento do Novo Jim Code, muitos indivíduos e organizações estão desenvolvendo ferramentas abolicionistas como

Ruha Benjamin

parte de um amplo movimento de justiça de dados – desafiando tecnologias de vigilância que atingem comunidades e desenvolvendo intervenções que fomentam o bem-estar coletivo. Lutas por futuros abolicionistas estão sendo travadas não apenas nas ruas, mas em nossos telefones, apps e plataformas.

Por exemplo, *Appolition* é um app que converte os trocos que você recebe diariamente em fiança para libertar pessoas negras da prisão. (Exigências pela abolição não são simplesmente sobre dar um fim à sistemas danosos, mas também sobre imaginar novos sistemas.) Quando o cofundador do *Appolition*, Kortney Ziegler, e eu participamos juntos em um painel na *2018 Allied Media Conference*, ele apontou a existência de tecnologias similares que se apresentam como libertadoras, mas que seus criadores não compartilham de um compromisso abolicionista. Naquele período, a *Roc Nation* de Jay Z havia investido em uma “*start up* de desencarceramento” chamada *Promise*, que objetiva tratar do problema da detenção pré-julgamento para pessoas que não podem pagar fiança. Mas entre suas outras funções, o *Promise* também trabalha com o [rastreamento digital de indivíduos](#) para garantir que eles cumpram suas visitas ao tribunal, apresentem-se para exames toxicológicos, e outras formas de supervisão como parte de “Planos de Cuidado” individuais – um grande eufemismo, para dizer o mínimo.

Em um texto no site para a BYP100 (*Black Youth Project 100*), uma organização focada no desenvolvimento de lideranças transformativas, trabalho de organização para ação direta, ativismo, e educação, a escritora Alyxandra Godwin descreveu o *Promise* como um prenúncio da nova versão do Complexo Prisional Industrial. “A esfera digital e o mundo *tech* dos anos 2000 é o próximo setor a ser o bastião do encarceramento,” ela escreve, “e vai moldar a aparência do encarceramento e, como resultado, determinar o terreno sobre o qual os abolicionistas prisionais terão de lutar.”

Se *Appolition* e *Promise* ajudam pessoas que não podem pagar fiança a saírem das celas, porque *Promise* é um problema para aqueles

O lobo reluzente e high-tech em pele de cordeiro

que apoiam a abolição prisional? Porque ele cria um mecanismo poderoso que torna mais fácil prender as pessoas novamente – e porque, em vez de se afastar do aparato carcerário, ele expande esse aparato para a vida cotidiana.

Enquanto o dinheiro coletado de forma coletiva para o *Appolition* opera como uma doação utilizada para afiançar pessoas, o *Promise* é um investimento/colaboração com o sistema de justiça criminal. A companhia, que recebeu 3 milhões de dólares em capital de giro, não trabalha para o desencarceramento, mas é uma parte da indústria “tecnocorrecional” (*technocorrections*), que busca capitalizar em cima das preocupações muito reais sobre o encarceramento em massa e o *momentum* político do trabalho de organização por justiça social. Produtos como o *Promise* torna mais fácil e menos custoso rastrear e reencarcerar pessoas por violações técnicas, como perder uma visita ao tribunal ou um exame toxicológico.

Promise, dessa forma, é um exemplo do Novo Jim Code; é perigoso e traiçoeiro precisamente porque é apresentado como um melhoramento social. Conglomerados prisionais que visam o lucro como o *The Geo Group* e o *CoreCivic* (antes chamado de *Corrections Corporation of America*, ou CCA) estão se mostrando especialmente competentes em reconfigurar seus investimentos para criar desvios similares, abandonando as prisões e os centros de detenção e se voltando para alternativas tecnológicas como tornozeleiras eletrônicas e outros dispositivos digitais de rastreamento. Em alguns casos, as companhias que possuem contratos governamentais lucrativos para prender requerentes de asilo são as [mesmas que a ICE \[agência de imigração estadunidense\] contrata](#) para fornecer serviços sociais para essas mesmas pessoas, mesmo quando estas continuam a ser monitoradas remotamente. Embora não estar preso em uma cela seja um avanço, a alternativa é uma forma de desigualdade codificada e controle carcerário, e é vital que as pessoas comprometidas com a justiça social possam enxergar além do exterior reluzente de organizações que barganham tais reformas.

Ruha Benjamin

Um princípio chave da abolição prisional é que encarcerar pessoas vai diretamente contra a segurança e o bem-estar de comunidades, pois as cadeias e as prisões não abordam os reais motivos pelos quais as pessoas provocam danos a si e a terceiros – na verdade, essas instituições exacerbam o problema ao dificultar todo o apoio necessário para viver, trabalhar, e buscar reparações pelos danos provocados. Mas na era do Novo Jim Code, e como os abolicionistas há muito têm argumentado, nossa visão deve se estender para além do problema do encarceramento em direção às nossas análises das inovações tecnológicas propagandeadas como apoiadoras da reforma prisional.

É vital desviar dinheiro do encarceramento para escolas e habitação pública se realmente quisermos construir comunidades mais fortes, seguras e mais solidárias para todos os seus membros. Mas, como a organização abolicionista [*Critical Resistance*](#) já argumentou, simplesmente desviar recursos dessa forma não é uma panaceia, pois escolas e habitação pública como funcionam atualmente são uma *extensão* do complexo industrial-prisional: Muitas operam com uma lógica carcerária e sob políticas que discriminam aqueles condenados criminalmente. Jogar dinheiro nelas do jeito que são apenas as tornará mais efetivas em sua atual função de instituições de controle social.

Nós temos que olhar para além da superfície do que eles dizem que fazem para o que eles realmente fazem, da mesma forma que faço um apelo para todos nós questionarmos a retórica de “fazer o bem” da indústria tecnológica. Isso requer que consideremos não somente os fins, mas também os *meios*. Como chegamos ao fim importa. Se o caminho é que companhias privadas, celebridades e empresas de inovação tecnológica devam lucrar com o *momentum* de comunidades e organizações que desafiam o encarceramento em massa, o mais provável é que esse fim alcançado replique a atual ordem social.

“Para ver as coisas como elas realmente são, você deve *imaginá-las* como elas podem ser”, disse o falecido jurista e intelectual da crítica racial Derrick A. Bell, reivindicando uma análise radical da realidade

O lobo reluzente e high-tech em pele de cordeiro

através de métodos criativos e inversões raciais. Pegue, por exemplo, o projeto-paródia que começa por subverter as lógicas antinegras presentes em novas abordagens *high-tech* de prevenção ao crime. Em vez de utilizar técnicas de policiamento preditivo para prever o que alguns podem chamar de “crime de rua”, o [*White Collar Early Warning System*](#) [Sistema de Aviso Prévio de Colarinho Branco] inverte o roteiro ao criar um mapa de calor que indica quarteirões onde crimes financeiros provavelmente ocorrerão. O sistema não só traz à vista os ocultos, mas não menos mortais crimes do capitalismo e a acumulação de riquezas pela elite, mas inclui um *app* que alerta os usuários quando eles entram em áreas de alto risco para encorajar o “[policiamento cidadão e consciência](#).”

Indo um passo além, o time de desenvolvimento para o *White Collar Early Warning System* está trabalhando em um programa de reconhecimento facial preparado para marcar indivíduos que provavelmente são perpetradores, e conjunto de treinamento utilizado para montar o algoritmo inclui fotos de perfil de 7.000 executivos de corporações baixados da popular rede social profissional *LinkedIn* - subvertendo o [documentado racismo em algoritmos de Inteligência Artificial](#) e policiamento preditivo ao utilizar um corpo de dados que é amplamente branco e masculino. Ao deliberadamente e inventivamente constranger o status quo, analistas podem melhor entender e expor as muitas formas de discriminação incorporadas e permitidas pela tecnologia. Juntos devemos criticamente analisar as narrativas progressistas ao redor de tecnologia, jogando uma luz em como soluções técnicas para problemas sociais podem perpetuar o racismo, enquanto continuamos a semear um mundo abolicionista no qual todos podem florescer.